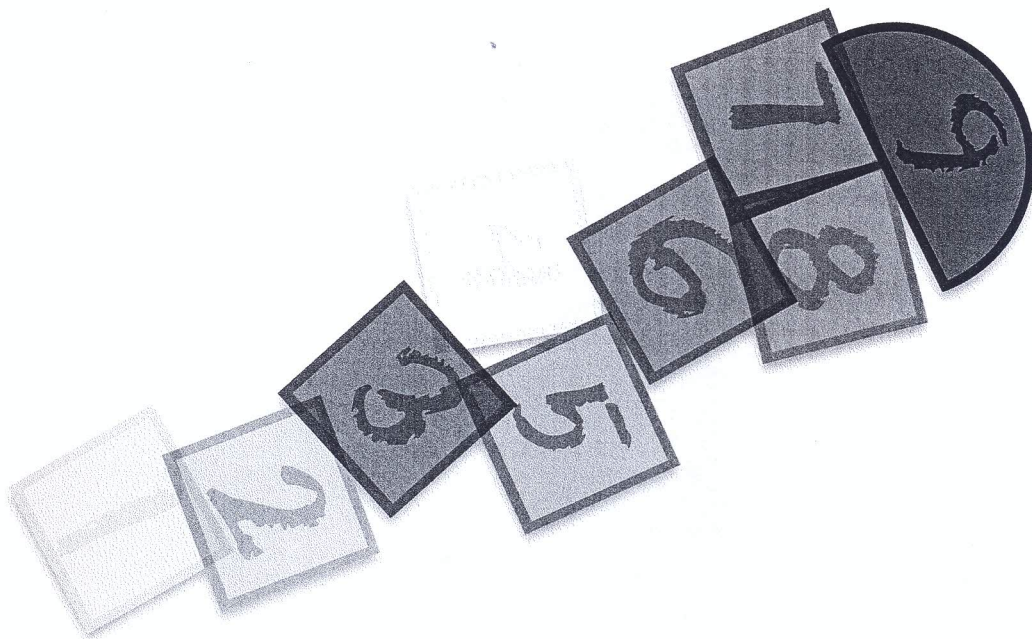


De
8

ISABEL CABRITA CONDESSA

(organização)



(RE)APRENDER
A
BRINCAR

DA ESPECIFICIDADE À DIVERSIDADE

PONTA DELGADA | 2009

FICHA TÉCNICA

Título:

(RE)APRENDER A BRINCAR

DA ESPECIFICIDADE À DIVERSIDADE

Organização:

Isabel Cabrita Condessa

Revisão do texto:

Catarina Santos Botelho

Capa:

Jaime Serra / Nova Gráfica, Lda.

Imagem da Capa: Adolfo Fialho

Arranjo Gráfico:

Emanuel Rodrigues / Nova Gráfica, Lda.

Execução Gráfica:

Nova Gráfica, Lda. - Ponta Delgada

Tiragem:

500 exemplares

Depósito legal:

304 941/10

ISBN:

978-972-8612-55-9

AUTORES

ADOLFO	FIALHO
ALBERTO	NÍDIO
ALEXANDRA	ANDRADE
ANA	MAGALHÃES
ANA PAULA	BATALHA
BEATRIZ	PEREIRA
CAMILO	CUNHA
CARLOS	NETO
FLÁVIA	MEDEIROS
GABRIELA	CASTRO
GRAÇA	CASTANHO
ISABEL	CONDESSA
JOÃO	AMADO
MARGARIDA	FORTUNA
MARIA ADELAIDE	TEIXEIRA
MARIA EMANUEL	ALBERGARIA
MARIA JOÃO	CABRITA
MIRIAM	PALMA
NATÁLIA	ALMEIDA
RITA	ANDRADE
SÍLVIA	SOUSA

Nota de Apresentação	11
 Capítulo I	
BRINCAR – UM CONTEXTO PARA A CRIANÇA SE DESENVOLVER E APRENDER?	17
I. A Importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança: uma Perspectiva Ecológica.....	19
II. A Educação Física na Infância. Aprender: a Brincar e a Praticar	37
 Capítulo II	
CONTEXTOS HISTÓRICOS DA CULTURA DO BRINCAR	51
III. Contextos Histórico-Culturais de uma Arte Infantil: os Brinquedos Tradicionais Populares	53
IV. <i>Chico, Zecas & C.ª</i> : um Espaço Recreativo nos Primórdios do Séc. XX	71
V. As Brincadeiras ou a Verdade Existencial	85
 Capítulo III	
O DESENVOLVIMENTO LÚDICO E EXPRESSIVO NA INFÂNCIA	93
VI. Imaginando, Imaginando, Cá Vamos Brincando	95
VII. Os Jogos Tradicionais Infantis: o Papel do Brinquedo na Construção do Jogo.....	103
VIII. Um-dó-li-tá. A Linguagem das Brincadeiras e as Brincadeiras com a Linguagem	115
IX. As Rodas e Jogos Cantados como Inovação na Formação.....	129
 Capítulo IV	
BRINCAR – UM OLHAR SOBRE O PATRIMÓNIO TRADICIONAL AÇORIANO	141
X. Das Bonecas de Trapos às “Play Stations”	143
XI. O Brinquedo Artesanal – Que Futuro?	157
XII. Era uma vez ... o Brinquedo no Museu Carlos Machado	161

Capítulo V

O PROJECTO P.I.R.A.T.A. - C.B.: PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO, RECOLHA E ANÁLISE DE TRADIÇÕES AÇORIANAS: DA CULTURA DO BRINCAR.....	171
XIII. O PROJECTO P.I.R.A.T.A. - C.B.....	173
Currículos dos Autores	203

V. As Brincadeiras ou a Verdade Existencial

Camilo Cunha

Universidade do Minho

A) As Brincadeiras:

Vamos partir de uma *constatação*: **As brincadeiras são contextos e conteúdos onde se iniciam e se constroem a "coisa existencial"**. É com as brincadeiras que percebemos a *raiz*, o *início absoluto*, a *mola de impulso*, o *paraíso iniciático*, para a existência e para a preparação do mundo que há-de vir.

As crianças são, naturalmente, aquelas que estão mais próximas das brincadeiras. São aquelas que experienciam mais de perto (e neste contexto) a *verdade existencial* – **as brincadeiras como verdade existencial**. A este propósito, citamos Hannah Arendt, que nos diz: *"As crianças, esses estrangeiros acabados de chegar ao mundo pelo nascimento, radicalmente novos, radicalmente inaugurais, devem ser recebidos com uma exclamação – o Eis o nosso mundo!!! E nós, adultos e responsáveis, devemos mostrar-lhes o mundo e dar-lhes um mundo melhor... pela existência humana, pela condição humana"*. As brincadeiras serão, com certeza, uma das formas mais singulares de mostrar o mundo e de lhes dar um mundo melhor – A PREPARAÇÃO.

Contrariamente, os adultos mais afastados desse tempo, desse *cálice vital*, parecem viver numa eterna angústia, num eterno absurdo ou mesmo numa aparente liberdade – Soren Kierkegaard.

Para demonstrar esta constatação, analisemos **a criança e o adulto**, num quadro antropológico e ontológico...

Começemos por pegar, por exemplo, na enigmática afirmação de Jesus (religioso – mito fundacional) – **"se não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus"**.

Uma primeira questão – o que é que o adulto perdeu da sua fase de criança e que tenha que readquirir para entrar no Reino dos Céus (*Simbólico*)? Podemos projectar muitas respostas a esta pergunta:

- Perdeu a *Pureza* da criança que deixou de ter.
- Perdeu a *Inocência* e isso fez com que se tornasse maldoso.

- Perdeu a *Ingenuidade*.
- Perdeu a *Simplicidade*.
- Perdeu a *Humildade*.
- Perdeu a *Graciosidade*.
- Perdeu a *Confiança*.

Pureza, Inocência, Ingenuidade, Simplicidade, Humildade... são, pois, "coisas" da criança, "coisas" do ser, "coisas" da felicidade, da *verdade existencial*. São coisas de uma certa **congruência** que conduz ao sentido da **autenticidade** – o *ser autêntico* de Martin Heidegger.

Poderíamos explorar cada uma destas palavras. Exploremos a palavra/ sentido **congruência**, pegando, por exemplo, em Carl Rogers. Existe um sentido unificador da personalidade onde cabem todas as outras qualidades da criança. Na linguagem Regeriana, o conceito de **congruência** é semelhante ao que nós habitualmente designamos por *coerência pessoal*, isto é, uma perfeita sintonia entre o que se sente, o que se pensa, o que se diz e as *atitudes que tomamos na vida*.

Tomando a criança como exemplo, **congruência** (coerência pessoal), Rogers escreveu em 1961 que "*provavelmente, uma das razões por que muita gente (adultos) são atraídos pelas crianças é elas serem tão integralmente verdadeiras, tão integradas e congruentes*".

Se uma criança manifesta zanga, contentamento ou medo, nós não duvidaremos de que é essa a sua experiência, em todos os seus aspectos. A criança é transparente quando tem medo ou quando gosta de uma coisa, quando tem fome ou quando tem qualquer outra reacção.

Há, efectivamente, na criança uma *transparente sinceridade* entre o que diz, o que sente e o que faz. É esta sinceridade/ linguagem que podemos chamar também de *verdade existencial*.

Peguemos também na palavra **confiança**. É uma qualidade tão importante, é uma das portas de abertura à *transcendência*. Para fundamentar esta convicção, convoquemos por exemplo a **Confiança Básica** de Erik Erikson. Ao analisar o que ele chamou de *8 Idades do Homem*, refere que a criança adquire confiança básica quando a sua relação com os progenitores pode ser, efectivamente, sincera e comunicativa, o que lhe permite ter a certeza interior de que, mesmo que eles se afastem, continuam presentes, porque todos se *identificam*; quer isto dizer que a forma de relacionamento afectivo da figura materna/ paterna tem aqui um papel decisivo na construção da *personalidade e da felicidade da criança*.

Peguemos também, por exemplo, na palavra **Simplicidade**. O pensamento metafísico diz que o grau absoluto de *perfeição do ser* é, ao mesmo tempo, o

grau absoluto de *simplicidade*. À semelhança da luz branca que resume em si todas as cores, a brancura da *simplicidade* de uma pessoa traz ao de cima a coerência, a verdade, a transparência, a lucidez.

Neste envolvimento, o adulto sente-se culpado de não ser assim. É esta a *admiração* que o ajuda a tornar-se de novo criança. Ele vive em contradições, usa máscaras para simular o que não é verdade, usa máscaras por não conseguir trazer consigo esse *sentido existencial primeiro*. “Perdeu-o” porque, perante uma sociedade *do não ser* (mas do ter/ competição), o sentido *da pureza, da inocência, da simplicidade, da ingenuidade, da graciosidade, da sinceridade, da doçura, da confiança* deixaram de fazer sentido. Dissemos “perdeu-o” (entre aspas) porque não o perdeu totalmente: ainda há espaços abertos dentro do Adulto – **há espaços abertos dentro de mim!** Para explorar esta noção de *espaços abertos*, vamos beber um pouco noutra autor existencialista – Jean Paul Sartre e a obra *O Ser e o Nada* –, onde encontramos a noção de “*ser em si e ser para si*”.

No ser para si de Sartre existe a noção da existência de **espaços abertos**. **Há espaços abertos dentro de mim!** Espaços que acolhem a linguagem humana interior, linguagem que está para além dos gestos e palavras. A espécie humana (animais) não nasceu para viver sozinha/ nem se realiza com todos os laços cortados. Toda a nossa vida é feita de rotinas – rotinas que preenchem espaços; contudo, ainda existem espaços por preencher – eles estão lá – mas estão escondidos/ não preenchidos, estão abertos. São pequenos espaços de vida que devem ser explorados, integrando *o novo e a surpresa*. Espaços que acolhem pensamentos/ imagens, sentimentos que contrariam a ideia de afastamento.

O poder da novidade, da diferença do inesperado – dentro de nós – provoca novas e grandes mudanças. **Há espaços abertos dentro de mim!** Novos interesses, novas perspectivas, outras formas possíveis de ver e sentir.

- Espaços acolhedores de novidade.
- Espaços acolhedores de observação.
- Espaços de contemplação dos mais pequenos movimentos fora e dentro de nós.

Estes espaços podem e devem ser preenchidos *pelas brincadeiras* – porque *brincar é um pressuposto existencial*. As brincadeiras dos adultos fazem-nos retornar (espécie de Eterno Retorno) ao tempo dos espaços preenchidos. Com as brincadeiras (crianças e adultos) recuperamos os **pressupostos existenciais**.

B) Os Pressupostos Existenciais (coisa cheia/ luz)

a) Brincar pressupõe Imaginação

Poderemos segurar uma boneca e não estarmos a brincar (apenas a seguramos, manipulamos, observamos); agora se introduzirmos **imaginação**, poderemos ser o pai, a mãe, o médico da boneca...

Quando se introduz **imaginação**, pressupõe-se que há uma *tomada de decisão*, onde se cria significado. O homem, para ser pessoa, precisa de *tomar decisões*, precisa de *criar significados* – para assim assumir papéis, construir códigos, linguagem, comunicar... **Brincar é pois imaginar.**

b) Brincar pressupõe a Tomada de Decisões

As verdadeiras tomadas de decisão são de *origem interna* (vêm de dentro, do verdadeiro EU). As tomadas de decisão externas pertencem ao mundo ideológico e até ao mundo dos preconceitos.

O brincar obriga a uma constante tomada de decisão que traz alegria, o bem-estar. **É estar dentro de nós!**

c) Brincar pressupõe um processo de Incerteza

Durante as brincadeiras, assistimos a constantes mudanças – que caracterizam o *sentido da incerteza*. Esta incerteza inscreve-se no acto de assumir papéis. Ora sou médico, ora sou doente; ora sou pai, ora sou filho...

d) Brincar pressupõe Regras

Normalmente, as brincadeiras são estruturadas por *regras externas* – normas sociais, axiológicas e diríamos mesmo culturais; tudo que é cultura aparece nas brincadeiras... Há um recapitulação e espiritualização da coisa social e cultural. Mas as brincadeiras também são estruturadas por *regras internas* – modificadas, recriadas e que vão concretizar o ser e a pessoa.

e) Brincar pressupõe Tempos, Espaços e Materiais

Há tempos, espaços e materiais que vão dar ser, dar sentido às brincadeiras. As brincadeiras tradicionais de escola, das estações do ano, da aldeia, da cidade...

f) Brincar pressupõe Prazer

O brincar está próximo/ caracteriza mesmo a evolução Antropológica e Ontológica do homem. A brincadeira traz consigo um fluxo, um clima de envolvimento e energia.

g) Brincar pressupõe olhar para a vida e tornar-se como você é!

O brincar dá início à coisa moral e ética..., desenvolve as dimensões do pensamento, da acção e do conhecimento. Desenvolve as dinâmicas do ser pessoa – *Tornar-se ainda melhor do que você é!*

h) Brincar pressupõe ter Poder – o verdadeiro poder (a metáfora primeira)

*Gostaríamos de terminar desenvolvendo a ideia de Metáfora como “coisa” de maior **poder** – as crianças nas suas brincadeiras experienciam o **maior poder!!***

Sobre a Metáfora:

- A metáfora encontra na *linguagem* e na *natureza* a sua maior expressão.
- A metáfora tem a capacidade de iluminar de forma única e insubstituível o modo como “as coisas são”.
- Uma das primeiras metáforas que podemos encontrar na natureza é a metáfora religiosa/ espiritual (sentido arquétipal).
 - O Deus natureza – Deus é a natureza que está *na* e *sobre* a terra.
 - O Deus cosmológico – deus está na terra e fora da terra – olhar o céu!!
- O homem que comunica por metáforas é um homem liberto, autêntico, verdadeiro – chama a si momentos altos de pensamento. A metáfora dá origem à virtude, à liberdade, ao que é casto.
- A metáfora é a *precisão*! Poderíamos pegar em vários exemplos:
 - “Para educar uma criança é preciso toda uma aldeia”.
 - “Há mais vida para lá do orçamento”.
 - “A moeda fraca tende a expulsar a moeda forte”.
- O homem que comunica por metáforas não se preocupa com o futuro, pois a hora há-de chegar!!
- O homem que comunica por metáforas tem o VERDADEIRO PODER. O verdadeiro poder não é o *económico*, o *político* (tal como está) ou os *Media*. Esses poderes pertencem ao campo das *metáforas gastas, secundárias*. Os *desejos secundários* fazem um corte com o homem (linguagem, o axiológico...) e com a natureza. A corrupção do homem é precedida pela corrupção *da linguagem e da natureza*.
 - Os desejos secundários são construções sociais; e as representações sociais dominantes contribuem para a falta de vontade.
 - Os desejos secundários são metáforas gastas/ esquecidas. O esquecimento da metáfora contribui para a decadência do Homem.

O **verdadeiro poder** está sim nas **metáforas primeiras**. As metáforas primeiras transportam **as ideias, o silêncio, a intimidade, o passar por cima, a humildade, o humor, a escuta...** E isto também são "coisas" das brincadeiras...

O PODER DAS IDEIAS

São as *ideias* que continuam a governar o mundo. As grandes revoluções, as grandes mudanças são precedidas pelas ideias. Existem *ideias primeiras* (que servem o homem e a humanidade) e ideias gastas (que servem alguns homens). Nas brincadeiras encontramos as ideias primeiras, que servem para todos – que todos possam brincar e, assim, experienciar o arquétipo inicial das ideias.

O PODER DO SILÊNCIO

O *silêncio* de guardar um segredo – as brincadeiras encerram em si segredos; o *silêncio* do olhar e do espanto de brincar – o brincar arrasta silêncios, no meio dos ruídos...

O PODER DA INTIMIDADE

O homem que expõe em demasia a sua intimidade corrompe-se. Brincar é perceber a *medida certa* da intimidade.

O PODER DE PASSAR POR CIMA

Perante as vicissitudes da vida, PODER é a capacidade de passar por cima. E o ideal é passar por cima com um sorriso. Não com um sorriso hipócrita, mas um sorriso de "*eles não sabem o que fazem*" ou, eventualmente, "*oferecer a outra face*".

O sol passa por cima, sempre a sorrir. Brincar é também passar por cima a rir e a sorrir. As crianças fazem isso, não trazem com elas o *orgulho* e os *preconceitos* dos adultos.

O PODER DA HUMILDADE

O Homem humilde é uma árvore da Natureza. É vertical, faz a ligação entre a terra e o céu. *Brincar é ligar...*

O PODER DO HUMOR

O homem com humor tem muito poder. As estações do ano são uma das expressões mais sublimes do humor da natureza. Brincar na natureza (todas as estações) é experienciar o Humor.

O PODER DA ESCUTA

Sócrates, Platão e Aristóteles – o triângulo de ouro do pensamento ocidental – foram homens de *escuta*, foram homens metafóricos. Com as brincadeiras começamos com a *escuta* autêntica do sentido existencial.

As Brincadeiras ou a Verdade Existencial!

Modifiquemos o título desta reflexão. *As Brincadeiras e a Verdade Existencial!*

As Brincadeiras como:

- FORMA DE INICIAR A EXISTÊNCIA, A PROCURA, O CONHECIMENTO DO HOMEM (CRIANÇA), ATRAVÉS DAS COISAS E DO SER.
- FORMA DE COMPREENDER O SER HUMANO – NO SEU PROJECTO ANTROPOLÓGICO E ONTOLÓGICO.
- FORMA DE INICIAR A VIAGEM DE ALFA PARA OMEGA, TENDO COMO MEIO DE TRANSPORTE A IDEIA DE TRANSCENDÊNCIA E COMO PASSAGEIROS, OS ESPÍRITOS HUMANOS.

Referências Bibliográficas

- Arendt, H. (1982). *A Condição Humana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H. (2000). A Crise na Educação. In *Quatro textos Excêntricos. Relógio D'Água*.
- Erikson, E. (1998). *The Life Cycle Completed. Extended version With New Chapters on the Ninth Stage of Development*. N. Y.: W. W. Norton Company.
- Heidegger, M. (1995). *Sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Heidegger, M. (2001). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes.
- Rogers, K. (1980). *A Way of Being*. Boston: Houghton Mifflin.
- Sartre, J. P. (20039). *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes.
- Kierkegaard, S. (1996). *Temor e Tremor*. Guimarães Editores.
- Kierkegaard, S. (2001). *Desespero Humano*. São Paulo: Martin Claret.